

Roberto Ventura

MARÍLIA LIBRANDI ROCHA

Q

MARÍLIA LIBRANDI ROCHA é doutoranda do Departamento de Teoria Literária da FFLCH-USP.

Quando me convidaram para este evento em homenagem ao prof. Roberto Ventura, como sua orientanda, a primeira reação foi pensar: mas falar como? E de que jeito? A dificuldade

mesma de falar da interrupção. E o dilema parecia ficar entre falar muito ou não falar nada, como modo também de homenagem. É que nessas horas não há vocabulário nem mesmo alfabeto capaz, não só de expressar ou de exprimir, mas de espremer a dor e a falta; e talvez por isso, ou em busca disso também, estudamos tanto a literatura.

Depois pensei que talvez não querer falar ou falar à revelia seja um modo de rebeldia – infantil até – para não aceitar esse acontecimento, esse algo, nonada da morte.

Mas, enquanto tentava escrever, pensei também que um evento como esse, que nos solicita a falar de dentro da dor ou a partir dela, tenha mesmo o sentido de partilhar entre amigos esse sentimento, e o que eu gostaria de expressar é o “algo” de muito singular e único que o Roberto me transmitia, esse “algo” que é tanto mais presente quanto mais indefinível, como no poema de Murilo Mendes:

“ALGO

O que raras vezes a forma
revela

O que, sem evidência, vive
O que a violeta sonha
o que o cristal contém
na sua primeira infância”.

O quê? Algo. E é esse algo que eu gostaria de transmitir a respeito do Roberto. Da importância do Roberto na minha vida.

Conheci o prof. Roberto em 1992, quando fiz o seu curso sobre *Os Sertões*. Desde então uma amizade nasceu ali, envolvida pelo sertão. Ele, com Euclides, eu estudando o Guimarães Rosa no mestrado, que ele passou a orientar depois. E pensando tanto no Euclides como no Rosa, a partir dessa dificuldade mesma de falar hoje, lembro que os dois escreveram catataus, livros enormes que também são uma reflexão ou denúncia a partir e sobre a morte. No *Grande Sertão*, Riobaldo fala sem parar por quase 600 páginas – e o que ele fala – como apon-tou Willi Bolle em ensaio recente na *Revista USP* – é uma fala em luto. O mesmo em relação a *Os Sertões* – fala em luto pelos mortos em Canudos –, vontade expressa de Euclides em manifestar e denunciar o “crime” ali cometido, como testemunha e testemunho. Livros que são assim também uma espécie de necrografia. E o Roberto dedicava-se há tantos anos a escrever uma bio-

grafia, um relato e uma compreensão da vida, como discurso de memória e resistência também.

Foi também uma espécie de biografia ou leitura de textos predominantemente autobiográficos do escritor Jacob Pinheiro Goldberg que propus ao Roberto como tese de doutorado. Desconhecido nas letras, a proposta incluía escrever e dialogar com o escritor vivo – enquanto é tempo – e que Roberto, como a maioria na universidade, não conhecia; e eu, naquele momento inicial, apenas vislumbrava o que poderia ser. Ele então, ali na sala do Departamento de Teoria Literária, me perguntou: “Marília, você acha que tem material suficiente pra uma tese de doutorado?”. Eu respondi: “Acho que sim, Roberto”. Mas na verdade eu não tinha muita noção naquela época se essa proposta ia dar mesmo em algo. E ele então disse: “Então, tá. Vamos nessa”.

E o que eu queria dizer aqui, talvez o mais importante na minha relação com o Roberto, o ALGO, que ele me transmitia é isso – a raridade – o que há de raro: sem muitas palavras, no modo que ele tinha de falar sem falar, ou de olhar sem piscar (como muito bem escreveu o prof. Francisco Foot Hardman), o Roberto, eu diria assim, apostava e punha fé – numa espécie de grau máximo de afeto que ele me transmitia, apoiando e aceitando ser orientador de uma tese “ignota”. E assim, esse modo que ele tinha, de uma presença ausente e de uma ausência presente, com tanta delicadeza e amizade, foi o que possibilitou a realização desse trabalho.

Por isso, também, transmito aqui o que me disse o Jacob Goldberg – que sem conhecer pessoalmente o Roberto, nos últimos anos, em função dessa tese que ele orientava –, que tem talvez como sentido ler textos que em vida eram considerados mortos, portanto um trabalho de revitalização, que em função disso o Roberto passou a ter uma presença muito

importante na vida dele também. Por isso falei na importância dessa escrita da biografia no Roberto.

Como Orientador – o que orienta o caminho – o Roberto nos conduzia sem conduzir, eu diria assim; e deixava isso claro desde o início que não adiantava esperar dele um acompanhamento passo a passo, de certo modo (eu queria achar outra imagem mas não achei) como a criança que espera que os pais fiquem segurando a bicicleta sem rodinhas pra não cair; Roberto deixava claro que não ia segurar, mas que ele estava e estaria ali presente e ao lado, pro que der e viesse. Essa presença e essa segurança que ele transmitia. E hoje, por causa dele e graças a ele, sabemos que aprendemos a caminhar.

Para terminar, cito um poema do escritor que estudo, publicado em seu livro *A Clave da Morte* (1992):

“Quando uma luz se acende,
A morte se inclina.
E , outra vez,
A sombra das mãos
Faz a caligrafia do sentido”.

Acho que é essa caligrafia do sentido, inclusive em expor também o não-sentido, que a nós como orientandos fica como uma escrita a ser realizada da tese que tinha orientação do Ventura, também ela depoimento e marca de parte de sua biografia, também ela trazendo em si o que em vida Roberto nos proporcionou.

Por fim, queria dizer que escrevi ao Roberto, logo antes da viagem, e reproduzo aqui as palavras textuais que enviei a ele no nosso último *e-mail*:

“... você é meu queridíssimo orientador – que apostou e apoiou esse projeto que então parecia meio ‘sem eira nem beira’ e a quem sou sempre grata pela confiança e amizade. Um grande abraço, Roberto. Marília”.